



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EQ NA COMUNIDADE

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2025.6337

Autores: GISELLE PATRICIA SANCINETTI, MARCOS VINÍCIUS RODRIGUES, AMANDA REZENDE COSTA XAVIER

Resumo: Este artigo relata o projeto de extensão: EQ na Comunidade e como foi a participação discente como sujeitos ativos executores do projeto. Planejar e desenvolver a ação fundamentou-se na necessidade de contribuir para a formação dos estudantes, valorizando a cidadania, empatia e pensamento crítico em relação à sociedade e a suas necessidades. O projeto foi desenvolvido em entidade de assistência social sem fins lucrativos que atende crianças e adolescentes de 8 a 14 anos. Os discentes executaram atividades sistematizadas em conteúdo, área e tempo. Ainda foi ofertado minicurso de manicure e pedicure, no período noturno, para suas mães e adolescentes atendidas pela entidade com idade adequada para desenvolvimento da atividade. Como resultado da participação dos estudantes tem-se a contribuição para sua formação integral e humana, atendendo à previsão de educação de qualidade e desenvolvimento sustentável previsto nos ODS da ONU, além de habilidades como proatividade e trabalho em equipe.

Palavras-chave: pensamento crítico, ensino engenharia química, extensão universitária

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EQ NA COMUNIDADE

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem experimentado um período de aceleradas e profundas transformações. A determinação tecnológica “marcada pela emergência das tecnologias digitais, como automação, inteligência artificial e *big data*” (Abenge, 2020, p. 9), impacta todos os setores da vida econômico-social, provocando profundas alterações nos processos de produção, de organização de cadeias e de comercialização de produtos e serviços. Impacta, por decorrência, o modo pelo qual a sociedade vivencia e se relaciona, tanto com produtos como com o próprio ser humano. Essa transformação tecnológica imprime, portanto, uma exigência inegável e irrevogável de serem apresentadas rápidas respostas às demandas que se apresentam em ritmo cada vez mais acelerado, em um mundo cujo “poder de concorrência e, conseqüentemente, o potencial competitivo de toda a economia dependem disso” (Abenge, 2020, p. 9).

Neste cenário destaca-se a emergente necessidade de disponibilização de recursos humanos qualificados. Tais recursos referem-se a profissionais preparados com excelência para atuarem no desenvolvimento socioeconômico e na absorção de tecnologias, imprescindíveis em todos os setores da vida em sociedade, com competências técnicas profundas, mas também domínio de *soft skills* que lhes conferem domínio do desenvolvimento de diferentes processos e em diferentes contextos (Silva; Tonini, 2023). A capacidade de produzir inovação que reflita no aumento da produtividade e da competitividade econômica é fator diretamente relacionado à retomada do crescimento econômico brasileiro.

As oportunidades para melhorar o desempenho inovativo e competitivo da economia brasileira e de diminuir a distância que nos separa dos países mais avançados passam, portanto, pelas escolas da educação básica a superior. Por se tratar de um pilar estratégico e catalisador de mudança, a agenda de educação precisa ser alvo de atenção especial. As respostas nesse campo pedem ações coordenadas entre governo, setor privado, instituições de educação e sociedade civil, que precisam estar lado a lado na construção das visões de futuro e de agendas sólidas para a área educacional (Abenge, 2020, p. 9-10).

Assim nascem as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Graduação em Engenharia (Brasil, 2019), que, homologadas em 2019, reconhecem a complexidade da formação e educação em Engenharia. O processo de construção e homologação destas DCNs mobilizou diferentes campos, buscando consolidar uma política de formação que reflita o contexto atual e os interesses reais da sociedade.

As DCNs, que traduzem o processo formativo esperado para os estudantes de cursos de Engenharia brasileiros, induziram amplas transformações nos modelos curriculares, a fim de que a educação em Engenharia passe a acompanhar a evolução da sociedade. Garantindo a autonomia dos desenhos curriculares às Instituições de Educação Superior (IES), conforme sua realidade cultural e inserção em sua comunidade, as Diretrizes estabelecem o imperativo de serem adotados modelos formativos com alto protagonismo discente, estimulando experimentação e desenvolvimento de competências como requisito intransponíveis na educação em Engenharia atual. As transformações esperadas no ensino de Engenharia impactam o planejamento, as escolhas metodológicas

e a avaliação, estabelecendo o desafio de se construir espaços formativos que se destinem a apoiar também os docentes na estruturação de projetos pedagógicos de curso que evidenciem a inovação curricular e pedagógica. “Tais espaços devem fomentar o protagonismo docente rumo à ruptura epistemológica, de maneira a potencializar a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem, e também de avaliação, tendo em vista o que se preconiza nas diretrizes estabelecidas (Cruz *et al.*, 2022). Tais exigências se refletem, portanto, em desenhos curriculares que valorizam atividades didático-pedagógicas que instiguem os estudantes “a desenvolver projetos e soluções com base sólida e responsabilidade, explorar a interdisciplinaridade, dominar tecnologias digitais, construir visões sistêmicas, cultivar a criatividade, trabalhar em equipe e exercitar a liderança” (Abenge, 2020, p. 10).

Modelos curriculares pautados no processo de construção da aprendizagem, por meio de um ensino que valoriza a mediação em detrimento à transmissão, e que priorizam a proatividade e a autorregulação dos estudantes em seu processo de aprendizagem, revelam propostas de inovação curricular e pedagógica. Pilares pedagógicos como interdisciplinaridade, flexibilidade curricular, formação por competência, diferentes possibilidades de itinerários formativos, embora representem grandes desafios para as instituições de ensino superior (Xavier, Leite, 2023), e, ainda, adotando-se processos de acolhimento e acompanhamento da vida acadêmica que se estendem ao longo de todo o itinerário formativo, não somente restritos ao momento de ingresso dos estudantes (Xavier; Toti; Silva, 2024), sustentam uma educação em Engenharia que verdadeiramente se aproxima às demandas de diferentes setores da sociedade, dando-lhes respostas concretas. Assim, o que se busca é uma formação em Engenharia que responda às demandas sociais em nível global, “em um contexto complexo e dinâmico, influenciado por tecnologias disruptivas e novos meios de produção, serviço e relacionamento” (Abenge, 2020, p. 10).

Assim, os currículos devem ser capazes de formar profissionais que saibam o que fazer com o conhecimento adquirido – ou seja, que possuam habilidades práticas e uma compreensão sólida dos conceitos técnicos. O engenheiro contemporâneo deve ter habilidades de comunicação, ser capaz de estabelecer relacionamentos interpessoais e organizacionais, ser responsável, adaptável, flexível, criativo e ético, além de ser apto a enfrentar desafios, buscar constantemente novos conhecimentos, solucionar problemas, trabalhar em equipe, tomar decisões e se preocupar com o meio ambiente e a sustentabilidade (Silva; Tonini, 2023, p. 7-8).

Ora, se estamos a referir que a educação em Engenharia atual requer um desenho curricular inovador, pautado no desenvolvimento de competências e não mais na transmissão conteudista, é preciso pensar que não é possível consolidar tal intento se mantivermos a formação dos futuros engenheiros engessada nos limites da sala de aula. É preciso construir outros espaços de aprendizagem (Brasil, 2019), que confirmem efetivamente a possibilidade de desenvolvimento de competências complexas e extremamente necessárias ao futuro profissional engenheiro, na sociedade atual.

Assim, identificamos na extensão uma possibilidade rica em aprendizagens e diversidades, que se coadunam com a natureza da formação por competências. De acordo com a Resolução CNE/CES n. 07/2018,

a extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018).

O que se pretende com a introdução curricular da extensão universitária é que as demandas sociais da comunidade externa sejam integradas à realidade dos estudantes universitários, com o contato direto entre o meio acadêmico e o social. Deste modo, espera-se uma transformação na formação dos estudantes com a valorização da cidadania, empatia e pensamento crítico em relação à sociedade e suas demandas. Inserindo a extensão universitária dentro dos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS), temos no ODS4 o enfoque na educação de qualidade, com o princípio de “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ONU, 2015).

Conforme defende Moran (2021), na presença de cenários tão complexos, desiguais e desafiadores, é fundamental a defesa de uma educação que encanta, inspira e inclui a todos – crianças, jovens e adultos –, isto é, uma educação humanista que acontece em espaços formais e informais, em modalidade presencial, híbrida ou online. Sob uma abordagem freireana, a extensão universitária se expressa como um processo de troca e diálogo, onde os envolvidos aprendem e se transformam. Não deve ser entendida como um processo de transferência de conhecimento da universidade para a comunidade, mas, sim, uma oportunidade de conexão com a comunidade, promovendo a transformação social. A extensão permite que a universidade e a comunidade dialoguem e se reconheçam como parceiros na construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Gadotti, 2017).

De acordo com Vendruscolo *et al.* (2024), a extensão desenvolve competências e habilidades inerentes ao profissional em formação, tais como: capacidade de criticar e aplicar o conhecimento, trabalhar em equipe, saber ouvir, respeitar o modo de ser/aprender/fazer do outro, dialogar, dentre outros. Ainda, a construção do conhecimento a partir de projetos de extensão estimula docentes e estudantes ao trabalho em equipe, diálogo constante e troca de aprendizado e experiências. No projeto pedagógico do curso de graduação ao qual este artigo se refere,

as Atividades Curriculares de Extensão (ACEx) têm como foco a articulação de atividades que proporcionem aos estudantes trazerem para a realidade universitária as demandas sociais da comunidade externa, a fim de possibilitar o contato e intercâmbio permanentes entre o meio acadêmico e o social, visando intensificar relações que possam transformar o meio e fortalecer os valores de cidadania na sociedade em geral (UNIFAL-MG, 2022).

Deste modo, acredita-se que o projeto apresentado neste artigo está em consonância com o que diz respeito ao fortalecimento dos valores de cidadania dos estudantes, dentre outros aspectos (UNIFAL-MG, 2022).

Assim, a partir dessa introdução conceitual, este artigo relata a organização do projeto de extensão denominado EQ na Comunidade, e como é a participação discente como sujeitos ativos executores da ação de extensão universitária. Com base nestes referenciais, a proposta relatada neste trabalho se refere a um projeto de extensão universitária que visou permitir aos estudantes de ensino superior a vivência de experiência relevante para sua formação cidadã na fase de vida em que se encontram, em um cenário comunitário complexo que exige abordagem humanista.

2 METODOLOGIA

O local escolhido para desenvolvimento desta ação foi uma entidade beneficente de assistência social sem fins lucrativos, ligada à Sociedade São Vicente de Paulo, instalada em um município do sul de Minas Gerais. A entidade atende um projeto socioassistencial,

cujo objeto é serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, com 90 crianças/adolescentes e suas famílias. Para tanto, a entidade dispõe de uma infraestrutura com suporte de atividades diversificadas na perspectiva de subsidiar o processo de aquisição do ensino-aprendizagem, bem como atividades que possibilitam o despertar das habilidades artísticas, culturais, esportivas, como meio de inserção social, resgate de valores, fortalecimento de vínculo relacional e protagonismo social. São oferecidas três refeições diárias, além de atividades de recreação e lazer, esporte, teatro, percussão, musicalização infantil, flauta doce, teclado, dança, coral, informática e oficina de trabalhos manuais, trabalhando dentro da perspectiva da promoção humana e desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

Para viabilizar a participação dos estudantes de graduação no projeto de extensão, foram planejadas e executadas, integrando o projeto, atividades no formato de oficinas, sempre atendendo às diretrizes da entidade. Para execução das atividades, os estudantes propuseram ações com as quais tivessem interesse, facilidade e familiaridade de execução. As oficinas foram planejadas e adaptadas para a faixa etária das crianças e adolescentes atendidas pela entidade parceira. As crianças e adolescentes foram divididos em turmas de acordo com as idades: 8-9 anos e 10-11 anos, ficaram no período da manhã; e 12-14 anos no período da tarde. Todas as atividades eram realizadas semanalmente, com duração de 50 minutos para cada turma.

Foram executadas as ações: inglês com arte, onde as atividades desenvolvidas usaram o idioma e arte na forma de desenhos, pinturas e jogos (caça-palavras, *stop*, mímica, forca, tabuleiro). Os temas abordados nas oficinas de inglês foram: esportes, animais, números, partes do corpo, objetos, dentre outros. Também foram realizadas oficinas com aulas de vôlei e de ritmos. Para cada turma, os estudantes preparavam o conteúdo das aulas com antecedência, sempre com a supervisão dos coordenadores do projeto. Outra atividade realizada foi o minicurso de manicure e pedicure. Este minicurso foi oferecido no período noturno para as mães das crianças e adolescentes atendidos pela entidade, e meninas com idade adequada para desenvolvimento da atividade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A participação como executores da ação permitiu que os estudantes de graduação pudessem desenvolver habilidades como planejamento e organização, responsabilidade e compromisso, relacionamento interpessoal e pensamento crítico. Os estudantes precisaram se organizar para elaborar as atividades, elaborar um cronograma para sua execução, fazer ajustes para atender as demandas das crianças e adolescentes de modo a manter a motivação e interesse nas oficinas. Foi perceptível o comprometimento, envolvimento e engajamento dos estudantes.

Com a participação no projeto, houve contribuição para a formação integral do estudante, estimulando competências que incluem habilidades e atitudes relacionadas à cidadania, criticidade e responsabilidade. A maturidade e comprometimento para com a elaboração e execução de cada atividade demandaram que os estudantes preparassem com antecedência cada assunto, entendessem a realidade e o nível de conhecimento de cada turma, para que a atividade pudesse ser realizada com êxito. Deste modo, puderam entender todo o processo para execução de uma ação, envolvendo a preparação, ministração e avaliação de uma aula/atividade. O contato com crianças, adolescentes e adultos, de diferentes realidades e idades, foi um desafio que os estudantes aprenderam a enfrentar para obterem êxito no processo formativo oferecido. Foi nítido o vínculo criado com as crianças, adolescentes e mães que sempre receberam todos os envolvidos da equipe com muito carinho e alegria.

O projeto contribuiu com o compromisso social da UNIFAL-MG estabelecido no seu PDI (2021-2025), item 3.5.2, políticas de extensão, o qual, dentre diversas orientações, incentiva a participação dos estudantes nas ações desenvolvidas, além da priorização de práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais relacionadas com as áreas de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção e o mundo do trabalho (UNIFAL-MG, 2020). Deste modo, este projeto promoveu a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade, por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões presentes no contexto social, além da formação cidadã dos estudantes, pela vivência dos seus conhecimentos, de modo interprofissional e interdisciplinar. A comunidade teve contato com as atividades desenvolvidas na universidade, tendo papel importante na ação, desde seu planejamento até sua execução. A Figura 1 mostra os registros fotográficos de alguns momentos das oficinas. Importa mencionar que os autores do artigo possuem autorização do uso de imagem de todos os envolvidos na ação, estudantes e crianças atendidas¹.

Com a participação no projeto, os estudantes universitários puderam experienciar que o conhecimento pode ser adquirido por meio de interações que permitam que eles internalizem e façam conexões com seu conhecimento prévio (Borges *et al.*, 2020). Ainda em conformidade com as ODS (ONU, 2015), houve contribuição para aquisição de conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, por meio da educação de qualidade que valoriza estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e reconhecimento da diversidade cultural.

Ao final da participação no projeto, foi pedido para os estudantes executores das oficinas que, voluntariamente, fizessem um depoimento sobre a sua ação no projeto de extensão, evidenciando o impacto na sua formação.

Nos depoimentos dos estudantes fica evidente o envolvimento e enriquecimento que este contato com a comunidade teve em suas vidas. A estudante 1 afirma o impacto em sua trajetória proporcionado pelo contato com os participantes da comunidade, ao destacar que fez *“o curso de manicure e pedicure aos 15 anos e iniciei minha trajetória profissional, que me acompanhou por muitos anos e foi essencial para que eu pudesse conquistar minha formação. É uma habilidade que levo comigo para onde for, e que me ajuda sempre que preciso. Poder transmitir esse conhecimento a outras mulheres e meninas é algo muito gratificante. Vejo nelas um pouco de mim no começo da minha jornada. Além de ensinar, aprendi muito com cada uma, escutando suas histórias e acompanhando a evolução de cada aluna ao longo do curso. Foi uma experiencia marcante, tanto profissional quanto pessoalmente”*. Por sua vez, o estudante 2 disse que *“quando surgiu a oportunidade de participar do projeto [...], dando aulas de vôlei para as crianças, confesso que fiquei com um receio enorme. Minha maior dificuldade sempre foi ensinar — ter paciência, parar, explicar com calma. Mas, com o passar dos meses, fui percebendo que o maior desafio não era ensinar o esporte em si, e sim lidar com as diferentes personalidades das crianças. Foi aí que descobri algo em mim: uma tranquilidade e uma paciência que eu nem sabia que tinha. E mais do que isso, aprendi com elas. O que começou como um desafio virou uma verdadeira diversão. Teve dia que eu até esquecia do horário, envolvido pelo carinho e pela energia delas. Infelizmente, precisei me afastar por conta do estágio, mas a saudade e a vontade de voltar continuam vivas. E o mais engraçado é andar na rua e ouvir um “Oi, tio! Quando você vai voltar a dar aula?”. Isso não tem preço. Recomendo de olhos fechados esse projeto. O aprendizado e o crescimento pessoal que ele proporciona são simplesmente imensuráveis”*. Seu depoimento relata o quanto esse processo transcendeu

¹ Autorização concedida pela instituição conforme Processo de Registro de Projeto de Extensão UNIFAL-MG PREAE 7821, disponível no Sistema de Cadastro de Ação de Extensão – CAEx/UNIFAL-MG

Figura 1 – Registros das oficinas realizadas



Fonte: Arquivo próprio dos coordenadores do Projeto de Extensão, conforme autorização constante no CAEx – PREAE 7821

a obrigação da execução para se transformar em projeto de vida, transformador e revelador de novas competências humanizadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário de rápidas transformações tecnológicas e sociais, a formação em Engenharia exige currículos inovadores, seja do ponto de vista curricular ou do ponto de vista pedagógico. A educação em Engenharia atual deve se voltar ao desenvolvimento de competências complexas, que deem respostas concretas integradas às demandas da sociedade. As novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Engenharia orientam essa mudança ao proporem uma educação centrada no protagonismo discente, na interdisciplinaridade e na conexão com o mundo real.

Nesse sentido, a extensão universitária se apresenta como um espaço privilegiado para consolidar essa formação. Ao aproximar teoria e prática, a extensão amplia os horizontes de aprendizagem, permitindo que os estudantes desenvolvam competências em contextos reais de atuação. Valoriza-se o desenvolvimento e domínio de *soft skills*, para além de competências técnicas, aspecto que é fundamental ao futuro profissional engenheiro. O desenvolvimento de projetos de extensão com estudantes do ensino superior, portanto, configura-se essencial à formação por competências esperada no atual ensino de Engenharia, consolidando um espaço de aprendizagem importante, para além da sala de aula. Esses projetos viabilizam experiências que fortalecem a autonomia, a responsabilidade social, a comunicação, a relação interpessoal e a capacidade de buscar a inovação na prática profissional dos futuros engenheiros.

Na experiência do projeto de extensão aqui relatado, nota-se que, mesmo quando houve dúvidas em relação à capacidade individual de participação, quando envolveu o estudante como executor responsável por uma atividade, as barreiras foram vencidas, demonstrando que foram atingidos objetivos educacionais previstos, como corresponsabilidade e proatividade. O protagonismo assumido pelos estudantes no contato e realização de atividades evidenciou a busca pelo desenvolvimento de competências imprescindíveis ao profissional engenheiro em formação. Além disso, percebeu-se o envolvimento afetivo que tiveram com as crianças e com o projeto em si, o que revela o potencial formador de humanização contido no projeto de extensão, que concretiza um futuro profissional mais sensível às demandas de sua comunidade.

Sendo assim, do ponto de vista do resultado na formação integral do estudante, desenvolveu-se pensamento crítico e valorização da cidadania, além de tornar tangível o significado de humanização do processo de desenvolvimento humano. Além disso, foram desenvolvidas competências importantes para a formação profissional destes futuros engenheiros, como proatividade, trabalho em equipe, comprometimento, pesquisa e aplicação de conceitos.

Em conclusão, a participação no projeto de extensão possibilitou uma rica interação entre os estudantes e a comunidade, representada pelos integrantes da entidade parceira. Essa vivência promoveu a ampliação dos referenciais dos sujeitos envolvidos, favorecendo a formação técnica, científica, cultural e humana dos estudantes, isto é, alcançou seu propósito no desenvolvimento de competências complexas. Além disso, os efeitos do projeto extrapolam o âmbito acadêmico, refletindo diretamente no desenvolvimento social, ao contribuir para a formação de cidadãos éticos, críticos e engajados com as realidades da comunidade em que estão inseridos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a entidade parceira pela oportunidade de realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA (ABENGE). **Documento de apoio à implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Engenharia**. Brasília: ABENGE, 2019. Disponível em: <https://www.abenge.org.br/file/DocumentoApoioplantacaoDCNs.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BORGES, G. S. B. *et al.* O mapa conceitual como uma atividade didática avaliativa no ensino superior. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 23138-23149, maio 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 2 de 24 de abril de 2019**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em 31 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Resolução CNE/CNS nº 7 de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em 31 mar. 2025.

CRUZ, S. R. M. *et al.* Os desafios para implantação das DCN dos cursos de Engenharia: experiências do Grupo de Estudos Assessoria Pedagógica Universitária. In: Mattasoglio Neto, O. *et al.* **Boas práticas de formação docente em Engenharia**. Brasília: Abenge, 2022. P. 48-65.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária: Para Quê?** 2017. Disponível em: https://eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/02/Extensao_Universitaria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf

MORAN, J. Aprendendo a evoluir em cada etapa da vida. **Blog José Moran Educação Transformadora**. 2021. Disponível em: <https://moran.eca.usp.br/?p=2107>

Organização das Nações Unidas – ONU. ODS. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no Brasil. 2015**. Disponível em <https://brasil.un.org> > pt-br > sdgs. Acesso em 31 maio 2025.

SILVA, J. C.; TONINI, A. M. Formação em Engenharia: entre a prescrição das Diretrizes Curriculares Nacionais e o entendimento de competências como consequência de um processo de aprendizagem ativa. In: TONINI, A. M. (Org.). **Educação em Engenharia: as competências na formação do engenheiro**. Goiânia: Editora Alta Performance, 2023. P. 9-40.

UNIFAL-MG. **Projeto pedagógico do curso Engenharia Química**. Poços de Caldas: Resolução CEPE 78/2022, 2022. Disponível em <https://academico.unifal-mg.edu.br/sitecurso/arquivositecurso.php?arquivoid=701>. Acesso em 31 maio 2025

UNIFAL-MG. **Plano de desenvolvimento Institucional 2021-2025**. Alfenas, 2020. Disponível em https://www.unifal-mg.edu.br/planejamento/wp-content/uploads/sites/53/2024/06/PDI_revisado.pdf. Acesso em 31 maio 2025

VENDRUSCOLO, A. E. P. *et al.* A curricularização da extensão por meio dos projetos de aprendizagem colaborativa na CSC. In Armas, R. D. (org.) **Aprender e transformar: projetos de aprendizagem colaborativa na extensão universitária**. 2024 Eptaya E-Books, 1(89), 1-155. <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2024684>. Acesso em 31 maio 2025

XAVIER, A. R. X.; LEITE, C. Sentidos Pedagógicos do Processo de Bolonha: uma análise a partir de documentos de constituição do Espaço Europeu de Ensino Superior. **Currículo sem Fronteiras**, v. 23, e1962, p. 1-20, 2023. DOI: 10.35786/1645-1384.v23.1962.

XAVIER, A. R. X.; TOTI, M. C. S.; SILVA, D. C. possibilidades de acolhimento e acompanhamento no ensino superior em engenharia na UNIFAL-MG e no ITA. In: TONINI, A. M.; PEREIRA, T. R. D. S. (Orgs.). **Abenge 50 anos: desafios de ensino, pesquisa e extensão na educação em Engenharia**. Brasília: Abenge, 2024. p. 221-224.

UNIVERSITY EXTENSION: CE IN COMUNITY

Abstract: *This article reports on the extension project: CE in the Community and how students participated as active subjects executing the project. Planning and developing the action was based on the need to contribute to the education of students, valuing citizenship, empathy and critical thinking in relation to society and its needs. The project was developed in a non-profit social assistance organization that serves children and adolescents aged 8 to 14. The students performed activities systematized in content, area and time. A manicure and pedicure course was also offered in the evening to their mothers and adolescents served by the organization who were of an age appropriate for developing the activity. As a result of the students' participation, there was a contribution to their comprehensive and human education, meeting the forecast of quality education and sustainable development foreseen in the UN SDGs, in addition to skills such as proactivity and teamwork.*

Keywords: *university extension, critical thinking, chemical engineering teaching*

